JORNAL integração

EDIÇÃO SEMANAL DIGITAL

Nº 2067

CAFELÂNDIA, 27 DE NOVEMBRO DE 2026

Contatos jotaintegracao@gmail.com Whats: (45)99954-3000

Paraná fecha safra 2025/26 com a 2ª maior produção de grãos da história



O Paraná encerrou a safra de grãos 2025/26 com 46,93 milhões de toneladas, a segunda maior produção da série histórica do Estado, conforme dados da Estimativa de Safra, publicada nesta quinta-feira (26) pelo Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab). O desempenho se dá mesmo em um período marcado por diversidades climáticas, fator que tem impacto notório no campo.

Copacol reforça parceria com Agências do Trabalhador em sua área de ação



Campos em recuperação mantêm vegetação alterada mais de um século



Conselho Municipal de Saúde realiza plenária e elege nova Mesa Diretora





ARTIGO

O Brasil que ainda insiste em negar a igualdade racial

É difícil acreditar que, em pleno século 21, com tantos avanços tecnológicos, científicos e sociais, ainda tenhamos de conviver com uma realidade tão vergonhosa quanto o racismo e a desigualdade de oportunidades. Mais difícil ainda é constatar que, apesar de tantos discursos sobre inclusão, diversidade e igualdade, o Brasil continua reproduzindo, no cotidiano, uma estrutura que coloca a população negra em posição de desvantagem.

E não se trata de impressão, opinião ou discurso ideológico. Os números estão aí, apresentados pelo próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e são impossíveis de ignorar.

O levantamento divulgado pelo órgão revela uma situação alarmante. Duas em cada três pessoas desempregadas no Brasil são pretas ou pardas. Em 2025, enquanto esse grupo representava 55,7% da força de trabalho, sua participação entre os desocupados chegava a 65,8%. Entre os trabalhadores brancos, a taxa de desemprego era de 4,3%. Entre os pretos, subia para 7,1%, e entre os pardos, alcançava 6,5%.

Como explicar tamanha diferença em um país que se orgulha de sua diversidade e de sua formação multicultural?

O problema não termina na dificuldade de conseguir emprego. Quando conseguem uma oportunidade, trabalhadores negros/pardos também recebem menos. O rendimento médio mensal no trabalho principal dos brancos foi de R$ 4.425 em 2025. Para os pretos, ficou em R$ 2.585; para os pardos, R$ 2.672. Uma diferença que não pode ser tratada como simples consequência de escolhas individuais ou de circunstâncias do mercado.

Mais preocupante é perceber que a desigualdade persiste mesmo entre pessoas com formação universitária. Não basta estudar, investir na própria qualificação e conquistar um diploma para que as oportunidades se tornem iguais. Entre os brasileiros com ensino superior completo, a taxa de desemprego também era maior entre pretos e pardos do que entre brancos. Isso demonstra que a escolaridade, embora fundamental, não elimina as barreiras impostas pela discriminação racial.

Há, também, um dado que deveria provocar profunda reflexão nas empresas e nos responsáveis por políticas públicas. A população preta e parda ocupa apenas 30,7% dos cargos gerenciais, embora represente a maior parcela da população empregada. Quando se observam os postos de liderança melhor remunerados, a situação se torna ainda mais desigual. Pretos e pardos representam somente 19,6% desses profissionais, enquanto os brancos ocupam 78,3%.

Não estamos, portanto, falando apenas de quem consegue ou não entrar no mercado de trabalho. Estamos falando de quem tem a possibilidade de crescer, assumir responsabilidades, tomar decisões e alcançar os melhores salários. O acesso à porta de entrada já é desigual, mas a porta da ascensão profissional parece ainda mais estreita para a população negra e parda.

O IBGE aponta dois fatores importantes para compreender tal realidade. A segregação profissional, que concentra trabalhadores pretos e pardos em ocupações de menor remuneração; e a discriminação, que dificulta sua ascensão e a conquista de melhores salários, mesmo quando exercem funções semelhantes.

A situação das mulheres negras merece atenção especial. Além de enfrentarem o preconceito racial, elas também estão sujeitas à desigualdade de gênero. A informalidade atinge 45,5% das mulheres pretas ou pardas, segundo o levantamento. Na comparação salarial por hora entre profissionais com ensino superior completo, mulheres pretas ou pardas recebem R$ 28,80, enquanto homens brancos ganham R$ 54,60. É uma diferença brutal, que expõe como diferentes formas de desigualdade podem se acumular sobre uma mesma pessoa. É injusto, desrespeitoso.

Não há desenvolvimento verdadeiro quando uma parcela tão expressiva da população precisa enfrentar obstáculos adicionais pela cor da sua pele. Não existe justiça social quando competência, experiência e qualificação não são suficientes para garantir oportunidades equivalentes.

É importante deixar claro que combater o racismo não significa criar privilégios, tampouco retirar direitos de alguém. É garantir que todos tenham condições justas de disputar as mesmas oportunidades. É reconhecer que a igualdade escrita na Constituição precisa existir também nas entrevistas de emprego, nas promoções, nos salários e nas salas de decisão das empresas.

As organizações precisam assumir sua responsabilidade. Não basta publicar mensagens bonitas nas redes sociais em datas simbólicas, promover campanhas institucionais ou incluir fotografias de pessoas negras em materiais publicitários. Menos marketing, mais respeito. É necessário transformar o discurso em prática, rever processos seletivos, estabelecer critérios transparentes de remuneração, ampliar oportunidades de formação e garantir que profissionais negros também cheguem aos espaços de liderança.

Por sua vez, o poder público precisa fortalecer políticas de combate à discriminação e acompanhar, com seriedade, a efetividade das medidas de inclusão. Leis precisam ser cumpridas.

O Brasil não pode continuar confundindo diversidade com igualdade. Somos um país de muitas cores, origens e histórias, mas essa riqueza cultural ainda não se traduz em justiça nas relações de trabalho. E isso é inaceitável.

O século 21 deveria representar um tempo de superação de preconceitos, não de sua perpetuação. Não podemos permitir que a cor da pele continue influenciando quem consegue um emprego, quanto recebe no fim do mês e até onde pode chegar profissionalmente.

Os dados do IBGE não são apenas estatísticas. Por trás de cada percentual há pessoas, famílias, sonhos interrompidos, talentos desperdiçados e oportunidades negadas. São brasileiros que estudam, trabalham, se qualificam e desejam apenas aquilo que deveria ser um direito de todos, a possibilidade de construir uma vida digna por meio de seu esforço e de sua competência.

Até quando vamos aceitar essa triste realidade? Até quando vamos assistir a essa desigualdade como se fosse parte inevitável da sociedade?

Combater o racismo não é uma pauta de um grupo, uma bandeira partidária ou uma questão de conveniência. É uma obrigação moral, social e civilizatória de todos nós. Uma sociedade verdadeiramente desenvolvida não é aquela que apenas cresce economicamente, mas aquela que oferece dignidade e oportunidades a todos os seus cidadãos.

Não deveria ser necessário lembrar, em pleno século 21, que ninguém é melhor ou pior, mais capaz ou menos competente, em razão da cor da sua pele. Igualdade não pode ser apenas uma promessa. Precisa ser uma realidade.

Quantas pessoas negras estudaram com você? Quantas trabalham com você? Quantas estiveram na sua última festa de aniversário?

*Ricardo Viveiros, jornalista, professor e escritor, é doutor em Educação,

Paraná vai sediar, em 2028, o 11º Encontro Nacional dos Tribunais de Contas, em Foz



Autor: Diretoria de Comunicação Social
Fonte: TCE/PR

O Paraná será sede do 11º Encontro Nacional dos Tribunais de Contas (ENTC), que ocorrerá em Foz do Iguaçu em 2028. O anúncio foi feito nesta quinta-feira (26 de novembro) pelo presidente eleito do Tribunal de Contas do Estado do Paraná (TCE-PR), conselheiro Ivan Bonilha, durante a 10ª edição do evento, que está sendo realizada nesta semana em Belém, no Pará, com encerramento previsto para esta sexta (dia 27).

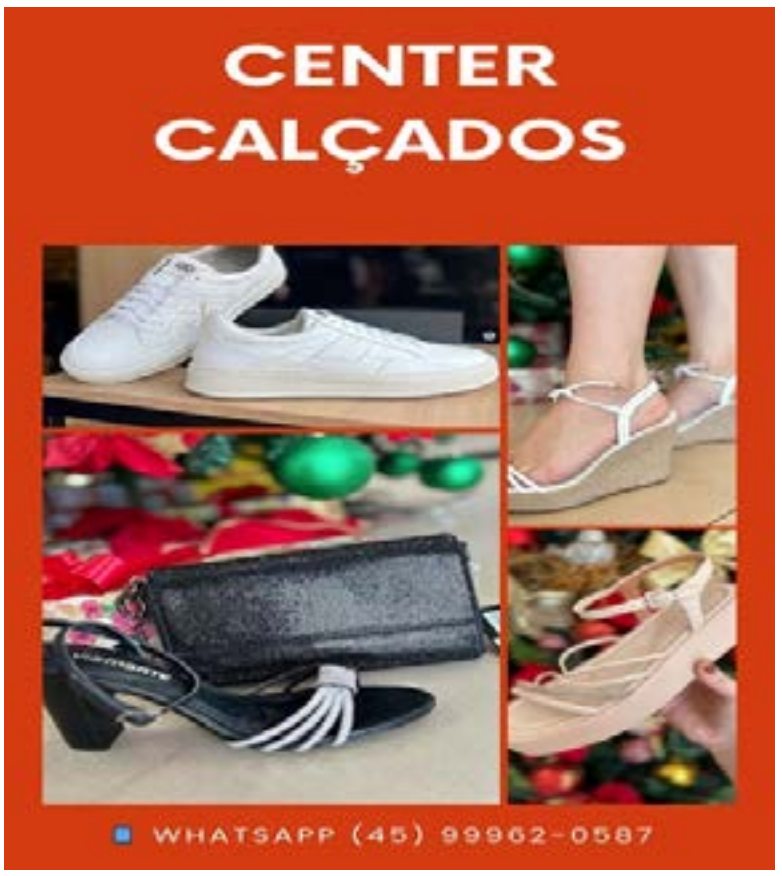
A próxima edição deve reunir representantes dos 33 Tribunais de Contas do Brasil para debater os principais desafios do controle externo, compartilhar experiências e discutir iniciativas voltadas ao aprimoramento da gestão pública.

Durante o anúncio, o conselheiro Ivan Bonilha convidou os representantes das Cortes de Contas a participarem do encontro de 2028. A escolha do Paraná como sede também foi destacada pelo presidente da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), conselheiro Edilson Silva (TCE-RO). O presidente eleito do TCE-PR estendeu o convite à presidente do Tribunal de Contas de Portugal, Filipa Urbano Calvão, que participa como palestrante do 10º ENTC, em Belém.

O ENTC é um dos principais espaços de integração e debate entre os Tribunais de Contas, reunindo, tradicionalmente, representantes das instituições para discutir temas relevantes do controle externo e os desafios da fiscalização dos recursos públicos.

Nova gestão

Eleito para suceder o atual presidente do TCE-PR, conselheiro Ivens Linhares, Ivan Bonilha assumirá pela segunda vez a Presidência do órgão de controle. A posse está marcada para o dia 20 de janeiro de 2027, às 14 horas, no plenário do Tribunal.



CONSULTEC
Contabilidade

CONSULTEC
CONTABILIDADE E ASSESSORIA LTDA
RUA JUVENTINO GONCALVES, 201 - CENTRO - CAFELANDIA-PR
(45) 3241-1303 | (45) 99834-4045
CLAUDINEI FÁVERO CRC/PR-036099/O-7
EDILSON FÁVERO CRC/PR-036290/O-2
JOEDIR FRANCISCO DE RÉ CRC/PR-039002/O-2

Paraná fecha safra 2025/26 com a 2ª maior produção de grãos da história

Volume de 46,93 milhões de toneladas foi sustentado pelo recorde da safra de verão, que chega a 26,34 milhões de toneladas. A soja responde por 21,83 milhões de toneladas. Estimativa do Departamento de Economia Rural de novembro para 2026 27 aponta produção de 27 milhões de toneladas na safra de verão – aumento de 3 .

Fonte: AEN-PR



Soja - colheita. Fotos:Jaelson Lucas / Arquivo AEN
Foto: Roberto Dziura Jr/AEN

O Paraná encerrou a safra de grãos 2025/26 com 46,93 milhões de toneladas, a segunda maior produção da série histórica do Estado, conforme dados da Estimativa de Safra, publicada nesta quinta-feira (26) pelo Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab). O desempenho se dá mesmo em um período marcado por diversidades climáticas, fator que tem impacto notório no campo.

O resultado é sustentado pela safra de verão, que alcançou a maior produção já registrada. E, mesmo diante de perdas na safra de inverno, o volume total ficou apenas 1% abaixo das 47,27 milhões de toneladas obtidas no ciclo anterior, que foi recorde.

A safra das culturas de verão somou 26,34 milhões de toneladas, crescimento de 7% em relação a 2024/25. A soja respondeu por 21,83 milhões de toneladas, enquanto o milho de primeira safra atingiu 4,16 milhões de toneladas. A segunda safra também apresentou volume expressivo, com 18 milhões de toneladas, embora tenha registrado recuo de 3% na comparação com o ciclo anterior.

SAFRA DE INVERNO

A safra de inverno foi a que registrou a principal redução na produção, que caiu para 2,59 milhões de toneladas, 34% abaixo da safra 2024/25 (3,93 milhões de toneladas). O resultado foi influenciado pela redução da área cultivada e pelo excesso de chuvas durante o período de colheita, que se estendeu até o início de novembro.

No trigo, a produção foi de 1,77 milhão de toneladas, recuo de 39% em relação ao ciclo anterior. "Além da redução na produção em decorrência das condições climáticas, houve prejuízo à qualidade do cereal. Isso diminuiu a disponibilidade de trigo no Paraná e ampliou a necessidade de comprar grãos de outras regiões", explica Hugo Winckler Godinho, engenheiro agrônomo do Deral.

Em relação à cevada, embora a produção tenha recuado de 500 mil toneladas em 2024/25 para 430 mil toneladas na safra atual, o Paraná mantém a liderança nacional na produção do cereal.

NOVA SAFRA -

A estimativa do Deral de novembro para a safra de verão 2026/27 aponta produção de 27 milhões de toneladas na primeira safra, volume 3% superior ao registrado no ciclo anterior. A soja deve alcançar 22,56 milhões de toneladas, crescimento de 3%, enquanto a projeção para o milho é de 4,16 milhões de toneladas, mesmo volume estimado em 2025/26.

O plantio já atingiu 96% da área prevista. Segundo o chefe do Deral, Marcelo Garrido, algumas regiões apresentam indicativos de perdas, principalmente no Sudoeste e no Noroeste. A continuidade das chuvas dificulta a avaliação do potencial produtivo neste momento, e os impactos sobre a produção seguem em acompanhamento.

BOLETIM CONJUNTURAL

O Paraná mantém a posição de maior produtor de feijão do Brasil, com produção estimada em 469 mil toneladas nas três safras de 2025/26. Já a estimativa para o arroz foi reduzida de 148 mil para 118 mil toneladas no novo ciclo, após o excesso de chuvas e o alagamento de áreas de cultivo.

Os dados fazem parte do Boletim Conjuntural também elaborado pelo Deral, que reúne análises sobre o desempenho das principais cadeias da agropecuária paranaense.

Segundo o informativo, entre as olerícolas, o tomate de primeira safra está presente em 2,5 mil hectares (ha), 50ha a mais do equivalente anterior. A cultura se encontra com 80% plantados e 7% colhidos. A produção estimada é de 173,2 mil toneladas, frente às 168,1 mil toneladas da safra anterior – aumento de 3%. A produção de batata está estimada em 533,5 mil toneladas, queda de 5,8%, enquanto o tomate deve crescer 3%, alcançando 173,2 mil toneladas.

Segundo dados do Agrostat Brasil/MAPA, em outubro de 2026 as empresas brasileiras exportaram 7.197 toneladas de carne de peru, uma queda de 0,8% em relação ao mesmo mês de 2025, quando o volume embarcado foi de 7.253 toneladas. Já o faturamento totalizou US$ 22,486 milhões, recuo de 10,2% frente aos US$ 25,032 milhões registrados no ano anterior.

Entre os estados, o Paraná, terceiro maior exportador nacional, embarcou 1.417 toneladas em outubro, registrando alta de 7,3% sobre as 1.320 toneladas de outubro de 2025. A receita cambial paranaense acompanhou o ritmo e cresceu 13,4%, passando de US$ 4,486 milhões para US$ 5,088 milhões.

O Paraná também ocupa a terceira posição nacional nas exportações de ovoprodutos. Entre janeiro e outubro, foram embarcadas 5.736 toneladas, alta de 1,7%, com receita de US$ 32,3 milhões, aumento de 13,7%.



Conselho Municipal de Saúde realiza plenária e elege nova Mesa Diretora

O Conselho Municipal de Saúde de Cafelândia realizou, na quarta-feira, 25 de novembro de 2026, a Plenária de Recomposição e Organização do Conselho Municipal de Saúde. O encontro foi marcado por importantes deliberações voltadas ao fortalecimento da participação social e da gestão democrática do Sistema Único de Saúde (SUS) no município. Durante a plenária, foram organizadas as representações dos segmentos de Trabalhadores da Saúde, Gestores/Prestadores e Usuários, além da eleição da nova Mesa Diretora, do referendo da Secretaria Executiva, da leitura e aprovação do Regimento Interno e da composição da Comissão de Orçamento e Finanças (COFI). Na ocasião, foi eleita a nova Mesa Diretora do Conselho Municipal de Saúde, que passa a ser composta por Marcelo Eckstein, como presidente, e Leonel Clovis Lupatini, como vice-presidente. A secretária municipal de Saúde, Josiane Jeske, destacou a importância da organização e do fortalecimento do Conselho para garantir a participação da comunidade nas decisões relacionadas à saúde pública. "Momentos como este são fundamentais para fortalecer o Conselho Municipal de Saúde e garantir que os diferentes segmentos da sociedade tenham voz e participação nas decisões. O controle social é uma ferramenta muito importante para construirmos uma saúde pública cada vez mais transparente, democrática e comprometida com as necessidades da população", destacou Josiane.



Country Club é campeão da 29ª Miniolimpíada de Cafelândia



A 29ª Miniolimpíada de Cafelândia chegou ao fim no último domingo, consolidando mais uma edição marcada pela emoção, espírito esportivo, integração e participação da comunidade.

Foram 16 dias de competição, com diversas modalidades, disputas acirradas e muita torcida, movimentando o Ginásio de Esportes Severino Pasquali e também outras praças esportivas do município. Durante os dias de competição, atletas de diferentes equipes protagonizaram grandes disputas.

A Miniolimpíada mais uma vez cumpriu seu papel de promover o esporte, incentivar a participação da comunidade e fortalecer os laços entre os participantes. O Ginásio de Esportes Severino Pasquali esteve lotado no domingo, especialmente para acompanhar as finais das modalidades.

A torcida compareceu em peso, vibrou com cada lance e transformou o encerramento em uma grande festa esportiva, marcada pela energia e emoção dentro e fora das quadras. Um dos momentos especiais da programação de encerramento foi a homenagem a pessoas que tiveram uma importante contribuição para o desenvolvimento e fortalecimento do esporte em Cafelândia. Foram homenageados Gilmar Herdt, Valdacir Roque, Edmar Eckstein e Rita Berkembrock.

A homenagem reconheceu a trajetória, o trabalho, a dedicação e a contribuição de cada um para o esporte do município, valorizando pessoas que ajudaram a construir a história esportiva de Cafelândia e que deixaram importantes marcas para as novas gerações. Após 16 dias de disputas, a classificação geral definiu o Country Club como grande campeão da 29ª Miniolimpíada de Cafelândia. A equipe somou 861 pontos e garantiu o primeiro lugar. Na segunda colocação ficou a Comunidades Integradas, com 825 pontos, seguida pela ASMOBI/Pioneiros, que conquistou o terceiro lugar com 759 pontos.

A Escola André Luiz terminou em quarto lugar, com 756 pontos; a UNICESUMAR ficou na quinta colocação, com 714 pontos; o Colégio Santos Dumont conquistou o sexto lugar, com 651 pontos; e a União BDM encerrou a classificação em sétimo lugar, com 639 pontos. A disputa pela classificação geral foi bastante acirrada, especialmente entre as equipes que terminaram próximas na pontuação, evidenciando o empenho dos atletas e o envolvimento de cada grupo ao longo da competição. Durante o encerramento, o prefeito Junior Motter destacou a importância da Miniolimpíada para Cafelândia, ressaltando o envolvimento da comunidade, o trabalho das equipes, dos atletas, dos organizadores e de todos que contribuíram para a realização de mais uma edição. O prefeito também aproveitou o momento para anunciar que Cafelândia já terá a 30ª Miniolimpíada. "É muito gratificante ver o Ginásio Severino Pasquali lotado, as famílias participando, os atletas dando o seu melhor e toda a comunidade vivendo esse momento.

A Miniolimpíada é muito mais do que uma competição, é integração, amizade, união e valorização do esporte. Já estamos anunciando a 30ª Miniolimpíada, porque queremos que essa tradição continue crescendo e fazendo parte da história de Cafelândia", destacou o prefeito. A 29ª Miniolimpíada encerra deixando momentos de alegria, conquistas, homenagens, amizades e muita emoção. Com o ginásio lotado, a torcida vibrando, os atletas celebrando suas conquistas e a premiação final das equipes, a Miniolimpíada encerrou mais uma edição com chave de ouro e já deixou a expectativa para o próximo ano: a histórica 30ª edição.





Campos em recuperação mantêm vegetação alterada mais de um século

José Tadeu Arantes | Agência FAPESP – Mesmo mais de um século depois de degradados, campos naturais em recuperação continuam abrigando uma vegetação muito diferente da original. Uma análise internacional com 742 espécies de seis continentes mostra que, embora a área volte a ficar verde e readquira a aparência de um campo, as plantas de crescimento lento e adaptadas à escassez – típicas de ecossistemas antigos – tendem a ser substituídas por espécies mais altas e de crescimento rápido, o que altera o funcionamento do ambiente e dificulta a restauração.

Publicado na revista PNAS, da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, o estudo teve como primeiro autor o pesquisador indiano Ashish Nerlekar. O trabalho, apoiado pela FAPESP, reuniu dados provenientes de 24 levantamentos. A brasileira Giselda Durigan, pesquisadora do Instituto de Pesquisas Ambientais do Estado de São Paulo e professora na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), participou da equipe internacional.

"Foram comparados campos antigos, formados ao longo de centenas ou milhares de anos sem terem passado por grandes transformações humanas, com campos secundários, surgidos depois da agricultura, pecuária, mineração, plantios florestais ou outras intervenções intensivas", conta Durigan.

O conjunto analisado abrange uma grande variedade de ambientes, com precipitações anuais que vão de 252 a 1.622 milímetros e temperaturas médias compreendidas entre 1,2 °C e 23,4 °C. O contraste entre campos antigos e recentes é muito expressivo. Nos antigos, em média, 82,9% das espécies indicadoras (aquelas típicas de cada ambiente e que ajudam a caracterizá-lo) são perenes. Nos secundários, essa proporção cai para 59,7%. Entre as perenes, as maiores perdas ocorreram entre gramíneas e subarbustos.

"Mais importante do que simplesmente contabilizar espécies, porém, foi investigar que tipo de planta desaparece e que tipo consegue voltar. Os resultados revelaram um padrão consistente. As espécies características dos campos secundários tendem a ser mais altas e a apresentar folhas com maior concentração de nitrogênio, maior área foliar específica [isto é, maior superfície de folha produzida para determinada quantidade de matéria] e menor conteúdo de matéria seca. Em conjunto, essas características correspondem a plantas que adotam estratégias aquisitivas: crescem rapidamente e aproveitam intensamente luz, água e nutrientes disponíveis. As plantas características dos campos antigos situam-se, em média, no outro extremo: são plantas que adotam estratégias conservativas, crescem devagar e utilizam recursos de forma parcimoniosa", diz a pesquisadora.

Ela explica que as plantas com estratégias aquisitivas procuram explorar ao máximo os recursos disponíveis, ao passo que as plantas com estratégias conservativas são aquelas que evoluíram em contextos de escassez e se adaptaram



para viver com pouco. Por isso, enquanto as aquisitivas são vulneráveis, as conservativas mantêm-se extremamente resilientes.

A diferença não desaparece simplesmente com o tempo. Em uma parte da análise, os pesquisadores puderam acompanhar campos secundários com idades de recuperação que iam de um ano a três séculos. Diferenças funcionais continuaram detectáveis mesmo em intervalos de tempo tão longos. De modo geral, os campos secundários são bem mais pobres em biodiversidade e muito mais vulneráveis a intempéries do que os ecossistemas antigos.

"Isso ajuda a explicar um problema bastante conhecido por restauradores: depois que um campo natural é destruído, a recuperação tende a ser muito difícil. As sementes das espécies originais podem não conseguir chegar ao local; o solo pode ter sofrido alterações de nutrientes, pH ou microbiota; e o próprio regime de fogo ou herbivoria que originou o campo primitivo pode ter mudado. Mesmo quando as espécies típicas conseguem germinar, elas muitas vezes não sobrevivem, porque crescem lentamente e acabam sendo derrotadas na competição com plantas oportunistas de crescimento rápido", sublinha Durigan.

Esse mecanismo cria uma espécie de círculo vicioso. Plantas de crescimento rápido tendem a acelerar a circulação de nutrientes, favorecendo condições que beneficiam ainda mais as espécies com estratégias aquisitivas. Com isso, o campo secundário pode se estabilizar em uma configuração ecológica diferente daquela que existia antes da degradação. Para o observador desinformado, o problema parece ter sido resolvido, porque a área encontra-se novamente recoberta por vegetação. Mas o ecólogo e o conhecedor experiente sabem que a maior riqueza do ecossistema, sua biodiversidade, se perdeu.

Daí uma das conclusões práticas do estudo: a restauração passiva, baseada apenas na regeneração espontânea, frequentemente não resolve. Os autores defendem a necessidade de restauração ativa, incluindo semeadura, produção e transplante de espécies-alvo, além de recuperação das condições ambientais e dos regimes naturais. "Mas é aqui que existe uma armadilha, porque os programas de restauração tendem justamente a usar as espécies mais fáceis de produzir e transplantar, que são, na maioria das vezes, as de crescimento rápido, características de ambientes secundários", alerta Durigan.

E acrescenta que algumas das espécies com estratégias aquisitivas utilizadas em restauração são aquelas que uma de suas alunas chama informalmente de "plantas da calçada": espécies capazes de crescer rapidamente em praticamente qualquer terreno perturbado. Elas podem recompor a cobertura vegetal e prover alguns serviços ecossistêmicos (benefícios ambientais). O estoque de carbono na parte aérea, a proteção do solo contra erosão e a infiltração da água, por exemplo, podem se aproximar dos encontrados no ambiente original. "Mas, quando a gente pensa em biodiversidade, nas plantas endêmicas que caracterizam de fato aquele ecossistema histórico, essas não servem", afirma.

É justamente por isso que o processo de restauração é especialmente difícil no Cerrado brasileiro.

Um jardim debaixo da terra

Nos campos do Cerrado, grande parte das espécies que definem a identidade do ecossistema cresce muito devagar. São gramíneas perenes, ervas, pequenos subarbustos e arbustos que podem ser subestimados por quem observa apenas a vegetação acima do solo. Uma parcela substancial de sua biomassa encontra-se subterrânea.

Essa arquitetura é uma adaptação a um ambiente marcado por solos pobres, longa estação seca e ocorrência periódica de fogo. Nos campos secos do Cerrado, a proporção de biomassa abaixo do solo pode ser extraordinariamente alta – característica que, segundo Durigan, não se repete da mesma forma nos campos úmidos do próprio Cerrado, nem, por exemplo, nos campos de altitude da serra do Mar. "É uma característica que foi muito vantajosa ao longo da evolução em regiões nas quais o solo e o clima submetem as plantas a um estresse por seca muito duro e prolongado", explica.

Durante um incêndio, quase tudo o que aparece acima da superfície pode desaparecer. Mas órgãos subterrâneos permanecem vivos e permitem que a planta rebrote. Isso significa que aquilo que parece uma pequena planta recém-nascida pode, na verdade, ser um organismo muito antigo.

Um exemplo impressionante mencionado pela pesquisadora é o de um araçá-do-campo (Psidium grandifolium). O indivíduo reportado por ela tem apenas cerca de 70 centímetros de altura, mas estudos de seus órgãos subterrâneos indicaram idade superior a 500 anos. Para estimar a idade, primeiro foram contados os anéis de crescimento da estrutura lenhosa subterrânea; depois, a equipe passou a utilizar também datação por radiocarbono. "Essa planta que tem mais de 500 anos deve ter rebrotado umas 200 vezes na história de vida dela", afirma Durigan.

Na equipe coordenada por ela, há um grupo de pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq-USP) que está estudando a idade das plantas pequenas. O laboratório onde o estudo vem sendo conduzido é dirigido pelo professor Mario Tommasiello Filho, e a líder do processo de datação é a pós-doutoranda Cláudia Fontana.

O trabalho desse grupo mostrou que a longevidade subterrânea do indivíduo mencionado não é um caso isolado. A equipe já datou outras plantas do Cerrado com mais de um século e pequenas espécies com dezenas de anos de idade.

O grande fator de resiliência são as estruturas subterrâneas. O cajuzinho-do-cerrado (Anacardium humile), por exemplo, pode apresentar poucos centímetros acima do solo enquanto suas raízes e caules subterrâneos chegam a vários metros de profundidade. Outro araçá escavado recentemente apresentou configuração ainda mais eloquente. Acima do solo, o indivíduo tinha cerca de 40 centímetros de altura. À medida que os pesquisadores começaram a escavar, apareceu uma estrutura subterrânea gigantesca. "A raiz deve pesar uns 30 quilos", relata Durigan. "Ainda não conseguimos determinar a idade."

O contraste entre alguns centímetros de vegetação visível e dezenas de quilos abaixo da superfície ajuda a entender por que a restauração do Cerrado não pode ser tratada simplesmente como plantio de cobertura vegetal. Para reconstruir o ecossistema, seria necessário encontrar maneiras de reintroduzir justamente esses organismos lentos, longevos e difíceis de propagar.

"Se a gente quer restaurar algo parecido com o que existia, vamos ter de enfrentar o desafio de aprender a multiplicar e cultivar essas plantas. E isso não é uma tarefa fácil", enfatiza a pesquisadora. Em campos conservados do Cerrado, segundo ela, podem ser encontradas 30, 40 ou até 50 espécies em um único metro quadrado. Em áreas restauradas, é comum encontrar apenas seis ou dez.

É uma diferença que não se resume à riqueza numérica. Muitas das plantas que faltam são exatamente as espécies especializadas que levaram décadas ou séculos para formar seus sistemas subterrâneos e que conferem ao Cerrado sua extraordinária capacidade de atravessar secas e incêndios.

Outro problema aparece quando se tenta transferir para o Cerrado técnicas desenvolvidas em outros campos. Uma estratégia utilizada na Europa consiste, por exemplo, em cortar a vegetação de uma área conservada quando as plantas estão produzindo sementes e espalhar esse material – o chamado feno – sobre a região degradada.

"Foram experimentadas também a semeadura direta e outras técnicas. Entre as alternativas testadas por meu grupo, o transplante de touceiras foi uma das mais promissoras", conta Durigan.

Nessa técnica, touceiras (agrupamentos densos de caules e raízes) de capins nativos são extraídas de campos naturais e transplantadas na área a restaurar, com 2 metros de distância entre elas. Em cerca de três anos, esses capins se expandem e recobrem toda a área. A área doadora de touceiras se recupera ainda mais rápido, em menos de seis meses.

Campo restaurado por transplante de touceiras, a técnica mais eficaz nos testes; ainda assim, conservar os remanescentes naturais segue como melhor estratégia (foto: Giselda Durigan)

O impacto da agricultura intesiva

Há ainda uma diferença importante entre tipos de degradação. Em antigas pastagens, onde o solo não foi profundamente revolvido, a regeneração espontânea pode trazer de volta uma diversidade surpreendente de espécies lenhosas. Mas o estrato rasteiro – que concentra boa parte da biodiversidade dos campos – continua muito difícil de recuperar. Já áreas submetidas à agricultura intensiva apresentam situação ainda mais problemática.

A semeadura de espécies fáceis pode produzir rapidamente algo que visualmente se parece com um campo. O problema aparece depois. Muitas dessas plantas não possuem as estruturas subterrâneas capazes de sobreviver ao fogo. Após um incêndio, desaparecem e o espaço pode voltar a ser ocupado por gramíneas exóticas invasoras. "É um ecossistema restaurado muito frágil", comenta Durigan.

Por isso, ela diz que as conclusões do estudo internacional precisam ser lidas em duas escalas. A regra geral aplica-se plenamente ao Cerrado: campos antigos não são equivalentes aos campos secundários; espécies conservativas e perenes são particularmente importantes; a regeneração espontânea muitas vezes não recompõe a biodiversidade original; e restaurações baseadas apenas em plantas de crescimento rápido podem produzir sistemas aparentemente recuperados, mas funcionalmente diferentes e mais vulneráveis. O que não pode ser simplesmente transferido para o Cerrado são as técnicas concretas utilizadas com sucesso em outros campos.

"A enorme biomassa subterrânea, a longevidade das plantas, a adaptação recorrente ao fogo e à seca e a extraordinária diversidade de espécies tornam os campos cerrados um caso extremo. A própria análise internacional não encontrou, no conjunto dos seis continentes, uma diferença estatisticamente clara na relação entre biomassa subterrânea e aérea dos campos antigos e secundários – o que se deve, provavelmente, à heterogeneidade dos ecossistemas incluídos e ao número menor de dados disponíveis para essa característica. No Cerrado seco, porém, essa dimensão subterrânea é central", ressalta Durigan.

José Tadeu Arantes | Agência FAPESP

Copacol reforça parceria com Agências do Trabalhador em sua área de ação

Prezando pelo compromisso com o desenvolvimento sustentável e a valorização das pessoas, a Copacol busca estar cada vez mais perto do mercado profissional, levando oportunidades e facilitando processos. Com 17 mil colaboradores, a Cooperativa reforça a parceria com as 52 Agências do Trabalhador e segue se consolidando como uma das principais geradoras de renda do Paraná.



Para fortalecer essa cooperação e reconhecer o empenho desses profissionais, a Cooperativa realizou o encontro anual das Agências do Trabalhador, reunindo representantes de diversas cidades para compartilhar resultados, alinhar metas e celebrar mais um ano de conquistas. "É um momento de agradecimento e renovação dessa parceria que é fundamental para que a Copacol possa continuar desenvolvendo suas atividades, tendo em vista a necessidade de contratação de pessoas e os agentes nos dão um apoio fundamental nesse processo", explica o diretor-vice-presidente da Copacol, James Fernando de Morais.

Os relatos de histórias de sucesso se repetem em todos os municípios onde a Copacol está presente. A empresa é referência pelos benefícios oferecidos. Os colaboradores são constantemente incentivados a participar de cursos e capacitações. A empresa disponibiliza ainda PLR (Participação nos Lucros e Resultados), prêmio produção, restaurante industrial, área de descanso, auxílio-creche, convênios, vale-alimentação, cesta de Natal, seguro de vida, distribuição de kits para gestantes, reconhecimento por Tempo de Casa, transporte em áreas de atuação, entre outros. Os colaboradores das indústrias também concorrem em programas que valorizam a assiduidade e dedicação com premiação em dinheiro. Só no ano passado, foram 1.224 Bolsas de Estudos disponibilizadas para quem está realizando a primeira graduação ou optou por uma formação técnica, complementando parte dos custos com mensalidades dos cursos, totalizando R$ 3,7 milhões. "Nosso compromisso é com o desenvolvimento das pessoas que estão desempenhando suas tarefas na empresa. Por isso, o investimento é contínuo em qualificação e também disponibilizamos benefícios que melhoram a qualidade de vida das famílias impactadas pela Cooperativa", afirma Júlio Cézar de Melo, gerente de Gestão de Pessoas da Copacol.

Além da oferta de emprego, a Cooperativa se destaca pela abertura do mercado de trabalho para as novas gerações. Estão na rotina dos mais diferentes setores da empresa, 269 jovens aprendizes, que atuam em contraturno escolar em atividades que possibilitam enxergar oportunidades para quem está dando os primeiros passos profissionais.

Para o gerente da Agência do Trabalhador de Campina da Lagoa, Nelson Gonçalves dos Santos, a presença da Copacol tem feito a diferença no desenvolvimento local e na vida das pessoas. "A parceria com a Copacol no município tem mais de 20 anos e mudou a realidade da comunidade. Trouxe a geração de empregos, realização de sonhos e a transformação econômica na vida da população. Fica a gratidão a diretoria da Cooperativa e toda a equipe que nos apoia", comenta Nelson.

Para conferir as oportunidades da Copacol basta ir até uma Agência do Trabalhador ou fazer a inscrição em www.copacol.com.br/vemsercopacol.

Copacol premia alunos que se destacaram no Programa Escola no Campo



Em mais um ciclo encerrado com sucesso, a Copacol premiou alunos de nove municípios da região, participantes do Programa Escola no Campo, que tem como proposta conscientizar as crianças sobre os cuidados com o meio ambiente e como o papel de cada um é importante na construção de um futuro melhor. "É cuidar de onde vivemos. Esse Programa oportuniza às escolas trabalhar um tema tão importante como esse, trazendo sempre novos incentivos para as crianças. Parabenizamos os professores e alunos premiados e fica a mensagem de que é o trabalho de todos que nos trazem frutos e essa noção mais aprofundada sobre o tema", afirma o diretor-presidente, Valter Pitol.

Só nessa edição foram 905 crianças envolvidas nas atividades sobre preservação do meio ambiente e prevenção ao trabalho infantil, dos municípios de Nova Aurora, Iracema do Oeste, Jesuítas, Tupãssi, Formosa do Oeste, Quarto Centenário, Goioerê, Moreira Sales e Rancho Alegre. Atividades sobre o tema foram incluídas nas aulas no decorrer do ano letivo despertando a consciência ambiental das novas gerações. Os estudantes que participaram do Programa Escola do Campo contaram com um encerramento especial, realizado na Aercol em Cafelândia, com apresentações artísticas da Cia de Dança O Passo, de Jesuítas, que recebe incentivos do Projeto Apoio Cultural da Copacol: incentivos financeiros são repassados anualmente aos municípios de área de atuação da Cooperativa para que sejam aplicados em atividades artísticas e esportivas.

Maria Cecília Vasconcelos, 9, da Escola Municipal Presidente Castel Branco de Quarto Centenário, foi uma das vencedoras na categoria de melhor desenho. "Estou muito feliz, queria muito ganhar uma bicicleta e hoje consegui graças a Copacol. Fazer as atividades durante o ano foi muito bom e hoje é um dia muito especial para mim, por estar aqui recebendo o prêmio", conta emocionada. Ao todo, a Copacol entregou 12 bicicletas para as crianças que se destacaram no concurso de desenho ou frase. Todos os estudantes que participaram do Programa Escola no Campo foram presenteados com uma mochila personalizada.

Ações educacionais como essa fazem parte da cultura da Copacol, que atua com iniciativas voltadas à educação, esporte e cultura para crianças e adolescentes. Desenvolvidas em parceria com o poder público e instituições locais, as atividades ampliam o acesso a oportunidades e fortalecem os vínculos comunitários, contribuindo para o desenvolvimento social nos territórios onde atua, como o Proerd, Busão da Imaginação, Cooper-Jovem e Apoio Cultural.

Para a professora Vanessa Silvestre, que já participa do Escola no Campo há dois anos, ações como essa fazem a diferença na vida das crianças. "Os alunos adoram participar de atividades diferentes e quando falamos de um assunto tão importante quanto a preservação do meio ambiente, contar com o apoio da Copacol é muito importante. Tenho orgulho de ser professora de uma das crianças premiadas e ver o brilho nos olhos delas não tem preço", conta a educadora de Quarto Centenário.

GESTÃO AMBIENTAL

Para a Copacol, produzir e preservar tem a mesma importância e isso se mostra nos números. O cuidado começa já nas propriedades dos produtores quanto a adequação às exigências legais, com a condução de 332 processos de licenciamento e a emissão de 360 outorgas em 2025, contribuindo para a conformidade e a sustentabilidade das atividades. A gestão da saúde do solo também é conduzida por meio de uma abordagem técnica estruturada que integra recomendação agronômica, pesquisa aplicada e acompanhamento contínuo das propriedades com foco na produtividade sustentável e na conservação dos recursos naturais.

A Copacol também conta com 9,2 mil hectares de florestas de eucalipto, que contribuem para o abastecimento de nossas operações industriais e para a utilização sustentável dos recursos naturais. A gestão da água é orientada por indicadores de desempenho e metas alinhadas ao Planejamento Estratégico, com acompanhamento contínuo pelo Comitê da Água. Em 2025, aproximadamente 94% da energia consumida nas operações foi proveniente de fontes renováveis. Além disso, a Cooperativa se destaca no cenário nacional com a Usina de Biogás, em Jesuítas, premiada nacionalmente duas vezes pelo pioneirismo e modelo inovador.

Outro fator importante é a capacitação das pessoas, onde a Cooperativa investe na formação contínua dos colaboradores e também da comunidade. "O encerramento de mais um ano de trabalho com o Escola no Campo nos enche de orgulho. É ver os resultados do programa e comemorar a alegria das crianças premiadas", finaliza a coordenadora de projetos sociais da Copacol, Gislaine Fernandes.

PREMIADOS

Confira os estudantes premiados pelo Programa Escola no Campo 2026.

Categoria Melhor Desenho: Maria Alice Jacometo, Escola Santos Dumont de Nova Aurora Maria Isabel Bandeira, Escola Professora Ap. Rodrigues Carneloz de Iracema do Oeste Thalya Santiago, Escola Padre Felipe Sierra Ruiz de Jesuítas Lucca Gabriel Machado, Escola Carlos Drummond de Andrade de Tupãssi Alana dos Santos, Escola Nilza de Oliveira Pipino de Formosa do Oeste Maria Cecília Vasconcelos, Escola Presidente Castelo Branco de Quarto Centenário Lorenzo Pavaneli, Escola Monteiro Lobato de Goioerê Pyetra Emanuelly Machado, Escola Manoel Medina de Rancho Alegre do Oeste Mariana Lara Bortoli, Escola São José de Moreira Sales.

Categoria Melhor Frase: Breno Felipe, Escola Germana Afonso Moleira de Quarto Centenário Maysa de Oliveira, Escola Luciane Almeida Liberal de Moreira Sales Beatriz Rosa Teixeira, Escola José Jesus Cavalcante de Goioerê.